



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

SAMARA ALICE FERREIRA OLIVEIRA

**A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**JOÃO PESSOA-PB
2014**

SAMARA ALICE FERREIRA OLIVEIRA

**A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Modalidade à Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof.^a Alessandra Fernandes
Nóbrega

**JOÃO PESSOA-PB
2014**

O48m Oliveira, Samara Alice Ferreira.

A música como instrumento de inclusão na educação infantil /
José Rogério da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2014.
48f.

Orientador: Alessandra Fernandes Nóbrega
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)
– UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Música. 3. Inclusão. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24(043.2)

SAMARA ALICE FERREIRA OLIVEIRA

A música como instrumento de inclusão na educação infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Modalidade a Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Alessandra Fernandes Nóbrega
Prof. Orientadora
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. _____

Prof. Convidado
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. _____

Prof. Convidado
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Dedico especialmente a Deus, meu pai celestial que és muito fiel a mim.

É com muita emoção que concluo esta licenciatura e dedico minha tese a meus pais: Djalma Oliveira e Maria Alice Ferreira Oliveira, pois me criaram com muito amor e carinho me ensinou a caminhar e me encorajaram a todo o momento a perseverar e seguir em frente mesmo em meio às adversidades da vida, para conseguir meus ideais.

Dedico com todo amor a meu querido esposo Fábio Alexandre por todo seu apoio e incentivo em construir esta carreira para nosso futuro, e por acreditar em minha capacidade estando junto comigo nos momentos mais difíceis, sendo companheiro, amoroso e motivador.

Dedico a meus filhos Emmanuel Pyetro e Davyd Luiz, que são meus baluartes, fonte de motivação e inspiração para superar os obstáculos da vida, incentivando-me a sempre buscar o melhor para nosso futuro.

Hoje quero brindar a todos que se fizeram presente nesta jornada e a esses quatro anos de muitos estudos e esforços dedicados a busca do conhecimento e o aperfeiçoamento profissional.

Um brinde!

AGRADECIMENTOS

É preciso caminhar juntos para alcançar nossos objetivos. Dificilmente alcançamos nosso propósito sozinho.

Sendo assim o prazer de uma vitória está em compartilha-la com nossa família, amigos e colegas, professores, tutores e orientadores.

Contudo há quatro anos iniciamos uma grande maratona de estudos que exigiu de nós abnegação de muitas coisas, muitas noites de sono, momentos de angústia e aflição. No início o fato de sermos universitários nos empolgava e entusiasmava, o novo a ser explorado era empolgante e desafiador. O futuro que pensamos esta distante. Chegou!!!! E com ele a realização de um sonho. Por isto damos graças a Deus por esta nos formando!

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus todo poderoso, por ter me carregado nos braços todo esse tempo, por ter me dado a dádiva da sabedoria, e mesmo conhecendo minhas limitações caminhou comigo dando-me força e coragem para conseguir alcançar meus objetivos.

Agradeço em especial aos meus pais Djalma e Maria Alice que fizeram de tudo para que eu chegasse até aqui. E aos meus irmãos.

A meu esposo Fábio, meus filhos Pyetro e Davyd Luiz, por entender os momentos difíceis que passei durante este tempo, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A minha prima Janailma Bezerra pelo carinho e dedicação que direcionastes a mim, pela atenção e principalmente por ter participado da realização dessa conquista.

A minha orientadora Alessandra Fernandes Nóbrega pelas orientações concedidas para realização dessa pesquisa e principalmente por ter aceitado o desafio de construir essa obra comigo. Dando-me valiosas contribuições para o desenvolvimento e aperfeiçoamento deste trabalho

À mediadora presencial Valdeni Carneiro, pelo apoio e valioso incentivo.

À Instituição pelo ambiente criativo e amigável que proporciona. A todos os professores e mediadores que participaram do meu processo de formação profissional.

A todos que de forma direta ou indireta contribuiu para essa conquista, meu muito obrigado.

Sentiremos falta de tudo isso, mas principalmente uns dos outros, porque durante este tempo que passamos juntos criamos relação de carinho e amizade, que levaremos pra vida inteira.

Obrigado Jesus! Tu és a causa do meu SUCESSO!!!

Não Sei

Não sei...se a vida é curta
ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
Mas que seja intensa,
verdadeira, pura...
Enquanto durar.

(Cora Carolina)



RESUMO

Nos tempos hodiernos a sociedade como um todo, está diante de um grande desafio, que é a inclusão de todos os alunos no processo ensino e aprendizagem, onde a mesma é bem além do que integração, por provocar uma mudança na perspectiva educacional. Tendo em vista que esse processo é um meio de todos conquistarem seu lugar junto à sociedade, vivendo assim seus direitos e rompendo as barreiras da estigmatização, pois a inclusão tem como foco não deixar ninguém fora da escola. Sendo assim, com o objetivo de compreender a inclusão e despertar para a visão que através da música desde cedo, pode-se obter a inclusão. O estudo intitulado **A música como instrumento de inclusão na educação infantil** está organizado em três secções, iniciando-se com uma indagação acerca da escola como espaço para uma educação inclusiva. Em seguida tratamos da música como instrumento lúdico de inclusão. A terceira secção reporta-se as práticas pedagógicas e o uso da música como recurso de inclusão na escola, através de uma pesquisa de campo no intuito de compreender a inclusão desde início da vida estudantil da criança.

Palavras-chave: Inclusão. Música. Criança.

ABSTRACT

In modern times society as a whole is facing a major challenge, which is the inclusion of all students in the teaching and learning, where it is well beyond what integration, to cause a change in the educational perspective. Given that this process is a means of conquering all its place in society, thus living their rights and breaking the barriers of stigma, because the inclusion focuses not leave anyone out of school. Therefore, in order to understand the inclusion and wake up to the view that through music from an early age, you can obtain the inclusion. The study titled Music as inclusion instrument in early childhood education is organized in three sections, beginning with a question about the school as a space for inclusive education Then treat music as playful instrument of inclusion. The third section refers pedagogical practices and the use of music as inclusion feature at school through a field research in order to understand the inclusion from the beginning of the child's school life.

Keywords: Inclusion . Music . Child .

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO	10
II	CAPÍTULO 1. A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	13
III	CAPÍTULO 2. A música como instrumento lúdico de inclusão.....	20
IV	CAPÍTULO 3. AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O USO DA MÚSICA COMO RECURSO DE INCLUSÃO NA ESCOLA.....	26
	3.1 Percurso da pesquisa.....	26
	3.1.1 Delineamento da pesquisa.....	27
	3.1.2 Locus.....	28
	3.1.3 Amostra da pesquisa.....	28
	3.1.4 Instrumento de coleta de dados.....	28
	3.2 Música e inclusão sob o olhar dos educadores.....	29
V	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39
	APRENDICE.....	41

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço de encontros. Pessoas com diferentes idades, etnias, sexos, habilidades, interesses pessoais, expectativas de vida, passam a partilhar sonhos e experiências no espaço escolar. Ninguém é igual na escola, e cada pessoa, professores, alunos ou funcionários, cria estratégias muito particulares de se relacionar com os outros e construir sua história pessoal. Cabe à escola acolher essas diferentes experiências de vida, permitindo que todos os seus membros, trilhem caminhos possíveis e de realização pessoal e coletiva.

Por isso, podemos dizer que cada instituição de ensino acaba por criar uma identidade própria, uma forma de lidar com as adversidades e de superá-las. Igualmente, podemos afirmar que os meios de superação só podem ser eficazes se transformarem sonhos pessoais em projetos coletivos, ou seja, se os desejos de cada membro do universo escolar forem abraçados pela escola como um todo. É a partir dessa perspectiva analítica que propomos essa pesquisa. **Lançamos como ponto central de nossas reflexões a questão de como a escola exerce seu papel inclusivo, e mais especialmente queremos observar como as professoras utilizam a música nesse processo de inclusão.**

A discussão sobre a Educação Inclusiva não é recente, porém durante muito tempo esteve relacionado a um paradigma educacional restrito às formas como a escola trabalharia com crianças que apresentassem graus de desenvolvimento cognitivo, ou características físicas limitadoras de habilidades. Na atualidade, conforme aponta Beyer (2003), a compreensão sobre a inclusão rompeu o cerco que delineava uma separação entre crianças com deficiências e crianças normais, propondo a percepção de uma educação integradora. A educação inclusiva, portanto, relaciona-se a uma percepção de educação para todos, objetivando o estabelecimento de relações significativas, capazes de promoverem uma mudança no próprio sistema educacional brasileiro.

Compreendemos, portanto, que o termo inclusão tem um conteúdo histórico e social bastante concreto, tendo que seu sentido relaciona-se à maneira como a sociedade enfrenta as diferenças entre as pessoas, e à própria garantia de direitos sobre a existência dessas diferenças. Houve períodos em que uma criança com limitações cognitivas, ou físicas, eram alijadas do direito de frequentar a escola, de conviver naturalmente com outras crianças. Analisando-se historicamente o processo de exclusão e as diferenças, e como os mesmos foram compreendidos, levam-se em conta valores, crenças e conhecimentos que foram construídos e disponíveis em cada época.

Atualmente, graças ao reconhecimento dos direitos de todos os cidadãos na nossa Constituição Federal (BRASIL, 1988) e especificamente das crianças e adolescentes, estabelecidos e regulamentados pelo Estatuto das Crianças e Adolescentes, ECA, (BRASIL, 1998), estão assegurados a todas as crianças o direito de frequentarem as escolas em condições de igualdade de oportunidades. Para os legisladores brasileiros, portanto, todas as crianças devem ser respeitadas em sua individualidade.

Partimos, portanto, do pressuposto de que a inclusão consiste em um processo complexo de socialização. Assim, no ambiente escolar só se torna possível com o envolvimento de toda a comunidade escolar, pais, professores, funcionários, comunidade e alunos, em sua realização. Deve ser um trabalho realizado junto com todos os envolvidos no processo: pais e filhos. Haverá momentos de exclusão por alguns grupos e isto deverá ser trabalhado inicialmente antes de qualquer atividade, pois é de praxe a aproximação do ser semelhante excluindo o ser diferente. No contexto educacional brasileiro, essa é uma política que gera conflitos, provoca reflexões e polêmicas. Nesse sentido, assumir a inclusão como política social e educativa pressupõe tratar de questões relacionadas à diversidade social, a diferença, os preconceitos. Lidar com esses elementos significa culturas e superações.

O interesse em discutir a temática surgiu a partir de experiências vividas cotidianamente no nosso exercício profissional, onde a música apareceu como instrumento pedagógico inclusivo. Através das músicas as crianças podem desenvolver suas percepções acerca do mundo que a rodeia e expressar de forma mais livre suas emoções, suas fantasias e desejos pessoais. Mais ainda, a música pode ser partilhada por todos, cantada, dançada, dramatizada, cria um ambiente de colaboração de interatividade, capaz de permitir que todas as diferenças existentes entre as crianças sejam suplantadas.

Apresentamos como objetivo principal desse trabalho verificar como as professoras utilizam atividades musicais como mecanismo de inclusão. Dançar, cantar e dramatizar músicas na sala de aula, ou fora dela, pode criar um momento de interatividade bastante intenso, as diferenças são apagadas e cada criança cria meios de se expressar livremente. Por serem dinâmicas e alegres atividades que recorrem à musicalidade propiciam o fortalecimento de laços de afetividade e solidariedade. Os sons não precisam ser reproduzidos, os professores podem construir com seus alunos diversos instrumentos musicais permitindo que as crianças tornem-se construtoras de seus saberes musicais. A gama variada de tarefas que envolvem a produção e manipulação dos instrumentos musicais, além da própria execução, canto e interpretação da música através das danças também impulsionam o desenvolvimento de

diferentes habilidades motoras, de fala de expressividade e o próprio desenvolvimento cognitivo e psicológico dos alunos.

A interação é a principal chave para o pleno desenvolvimento das crianças no ensino infantil. Permitindo que a experiência de diferentes situações de convívio, as crianças podem construir respostas ao que lhe solicitado. Por esse fato as atividades que visam à interatividade são sempre recursos pedagógicos valorizados enquanto procedimentos pedagógicos de aprendizagem. Além disso, essas atividades ainda aproximam afetivamente os alunos de seus professores fator relevantes o valor da sociabilidade nas práticas pedagógicas.

Pretendemos com essa pesquisa analisar como a música vem sendo utilizadas pelos professores enquanto recurso inclusivo. A fim de melhor compreender como a inclusão e musicalidade interagem enquanto elemento pedagógico aprofundamos a discussão desses dois conceitos no primeiro capítulo desse trabalho. Pretendemos com isso ampliar o reconhecimento das teorias pedagógicas sobre o tema a fim de, posteriormente, analisarmos com maior propriedade a prática pedagógica concretizada em uma escola da cidade de Igaracy.

No segundo capítulo, pontuamos algumas considerações sobre inclusão e sobre musicalidade constante no Referencial Curricular Nacional do Ensino Infantil, RCNEI, (BRASIL, 1998). A atenção destinada a esse documento deve-se em razão da sua importância para o ensino brasileiro como um todo. Embora o RCNEI apresente-se como sugestão para o debate pedagógico, seus pressupostos teóricos e sugestões de atividades, têm influenciado muitos professores, que adaptam à realidade de suas escolas as orientações contidas no RCNEI.

No terceiro capítulo, observamos a prática pedagógica concreta de três professoras atuantes em uma escola municipal da cidade de Igaracy-PB. Também realizamos a coleta de dados sobre essa prática a partir da aplicação de um questionário semiestruturado, a fim de que possamos comparar as práticas dessas professoras com suas concepções de educação. Portanto, nossa pesquisa tem um caráter exploratório de análise-descritiva, uma vez que partimos de um estudo teórico para confrontar essas teorias com uma realidade prática.

Com a realização desta pesquisa acreditamos ser possível contribuir para um fortalecimento do campo de pesquisas dos estudos culturais, uma vez que apresentamos a escola como espaço efetivo de construção e socialização do saber, capaz de criar um ambiente de convivência respeitosa entre crianças singulares em suas habilidade e potencialidades, mas, iguais em direitos.

CAPÍTULO 1. A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação é também onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-la de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos e tampouco, arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as, em vez disso e com antecedência, para a tarefa de renovar um mundo comum.

Hannah Arendt

O grande desafio da educação brasileira, na atualidade, é transformar a escola em um ambiente inclusivo, suplantando o debate já cristalizado acerca da educação inclusiva. Durante muito tempo, a inclusão ateu-se à perspectiva à integração de crianças com deficiências físicas e mentais no sistema educacional regular. Beyer (2009) ressalta que a preocupação em tornar a educação inclusiva atendendo às necessidades de crianças deficientes, já se destacava em políticas educacionais na Alemanha, desde a década de 1970. No Brasil essa preocupação se acentua a partir da década de 1990.

A década de 1990 foi fundamental para o estabelecimento de novos rumos educacionais, no Brasil. Em 1996 as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB (BRASIL, 1996) já apontava para o estabelecimento da obrigatoriedade em criar condições inclusivas nas escolas públicas e privadas do país. Mais tarde, em 1998, o Estatuto da Criança e dos Adolescentes, ECA (BRASIL, 1998) também prevê essa necessidade. Essas são apenas as leis mais globais que assinalam a importância da temática para o ensino nacional. Porém, outras normatizações estaduais e municipais também tem ressaltado a necessidade de um ensino integrador que satisfaça as necessidades de todas as crianças.

A mudança na percepção do conceito de educação inclusiva, segundo Beyer (2012) se fortalece com a difusão do paradigma sócio-histórico de entendimento da realidade educacional. Segundo essa abordagem as realidades escolares são demarcadas pelas histórias pessoais de seus integrantes, fato que amplia o conceito de inclusão. Não são exclusivamente aspectos biológicos que distinguem os seres humanos, mas também suas tradições culturais e as condições socioeconômicas das diferentes comunidades. A escola englobando indivíduos portadores de histórias singulares deve-se perceber-se não como uma realidade homogênea, ou homogeneizadora de realidades, mas como um caleidoscópio de singularidades.

Assim, o sistema educacional, a inclusão é uma provocação, que implica em uma

busca por novos olhares para as relações forjadas em seu interior. Alunos com e sem necessidades educacionais especiais, partilham o mesmo espaço com professores, funcionários e comunidade. O espaço escolar, por sua vez também se amplia, englobando não só a dimensão das estruturas físicas do prédio-escola, mas transporta para seu interior o espaço da comunidade que exige e anseia por uma educação que crie pontes de comunicação entre o que está dentro e fora dos muros escolares. Nesse sentido, a educação redimensiona-se e os agentes que sofrem essa ampliação da prática educativa assumem um papel protagonista em sua efetivação.

Mittler (2003), discutindo as políticas inglesas referentes à ampliação do ensino inclusivo e integrador, lança reflexões fundamentais para o nosso trabalho. Para o autor, os debates acerca da inclusão baseiam-se nas práticas voltadas à educação de crianças com alguma deficiência física ou limitação cognitiva. Esses debates baseiam-se em dois paradigmas educacionais, uma que centra a atenção na aprendizagem da criança, buscando inseri-la a uma realidade regular. Nessa perspectiva, as limitações de aprendizagem centram-se na criança, que deve suplantar-las sendo para tanto auxiliadas pedagogicamente pela escola.

Outro paradigma volta-se para a compreensão de inclusão enquanto uma realidade social, não é a criança que deve suplantar suas deficiências, mas sim a escola que deve tornar-se inclusiva, permitindo a todas as crianças o desenvolvimento de suas potencialidades. Mittler (2003) destaca que nessa segunda perspectiva a criança não é forçada a se adaptar a uma realidade exterior, mas sim a escola que deve promover o acolhimento de todas as diferenças existentes entre os membros que abriga, quer sejam diferenças físicas ou cognitivas de seus alunos, professores ou corpo técnico.

Nesse sentido, a percepção de uma escola integradora pode ser definida como instituição voltada para o aluno real, inserido em uma realidade histórica concreta, portador de direitos que devem ser atendidos pelas instituições de ensino. Para tanto, é necessário que haja o estabelecimento não só de políticas educacionais garantidoras da inclusão, mas, e principalmente, é imprescindível que a educação assuma um novo sentido paradigmático, ou que,

No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforme e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola (MITTLER, 2003, p. 25).

Para Mittler (2003), a aplicabilidade da inclusão exige uma mudança de paradigma educacional, para que os alunos possam vivenciar plenamente seus direitos. Isso implica que a escola coloque como seu objetivo a construção de uma cultura de respeito ao diferente. Romper as barreiras da discriminação, do preconceito, da homogeneidade implica em realizar um ideal democrático de cidadania, segundo o qual cada pessoa deve ser entendido como portador de singularidades que não só o identificam enquanto ser único em sua existência, mas também o valoriza por essas características exclusivas. Nessa perspectiva, os seres humanos deixam de ser meros indivíduos e passam a ser compreendidos como sujeitos capazes e socialmente ativos.

Ainda segundo Mittler (2003) a inclusão está entre as questões recentes em discussão na área educacional e faz parte da tentativa de adequar a escola às necessidades de uma sociedade exigente no que se refere à igualdade de oportunidades. Embora sua normatização seja fundamental, e venha sendo realizada, são os professores que colocam em prática o paradigma inclusivo. Isso significa que são planejamentos e esforços discentes que tornam a inclusão uma realidade concreta. Por isso, é necessário que o profissional disponha-se a rever alguns mitos em relação à sua profissão, a fim de desmistificar a ideia de que a escola é detentora de todo saber, ou seja, que o docente já está preparado o suficiente.

Modificar a prática comum para a prática escolar inclusiva é uma verdadeira revolução, que implica na forma de o professor e o aluno avaliarem o processo de ensino e de aprendizagem. Ela desmonta de vez o caráter homogeneizador da aprendizagem e eliminam todas as demais características excludentes das escolas comuns que adotam propostas pedagógicas conservadoras. Para Sant'ana (2005) a implantação de práticas inclusivas exige uma série de fatores diferenciadores na escola, desde profissionais qualificados para uma educação que rompa com os paradigmas tradicionais, até a criação de políticas educacionais que visem uma democratização de todo o sistema educacional.

Sant'ana (2005), em sua pesquisa sobre as concepções acerca de educação inclusiva expressas por professores e gestores escolares, verificou que não basta que os agentes educacionais tenham uma formação superior para que, no exercício profissional, sejam realizadas práticas inclusivas. Isso porque é necessário além de uma boa base teórica sobre as diferentes concepções pedagógicas, a escola como um todo esteja motivada a transformar sua realidade pedagógica. Dessa maneira, a autora aponta para a coletividade como aspecto fundamental na realização de uma educação transformadora.

As reflexões trazidas por Sant'ana (2005) coincidem com as colocações de Mittler acima destacadas, fato que reforça a necessidade de definição conceitual sobre educação inclusiva. Segundo Mantoan (2003), o conceito de inclusão tem um caráter abrangente, pois trata não apenas dos alunos com deficiências nas salas de alunos sem deficiências, ou ainda do respeito a diferentes grupos sociais e etnias. Por sua vez, o conceito de integração tem sido usado nos debates referentes apenas à inserção de crianças com deficiência em escola regulares.

A inclusão questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Pressupõe a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos sem exceção devem frequentar as salas de aula de ensino regular. O foco da inclusão é não deixar ninguém excluído do ensino regular, desde o começo da vida escolar. As escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades.

Com a mesma abordagem Mantoan ressalta que:

A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, porque não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldade em aprender, mais todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos (MANTOAN, 2006, p.13).

Sendo assim, percebe-se que a inclusão é muito ampla e não se restringe a educação de portadores de necessidades físicas, e se destina para todos aqueles que apresentam necessidades educacionais especiais, tal como problemas de aprendizagens, transitórios ou permanentes. Mantoan (2006, p.14) ainda afirma que “a maioria dos alunos que fracassam na escola são alunos que não vêm do ensino especial, mas que possivelmente acabarão nele.” A inclusão escolar, apreendida em seu sentido mais amplo, é o conjunto de ações realizadas em todos os níveis e por todos os segmentos da escola que buscam dar oportunidade aos alunos para que vivenciem as mais variadas formas e chances de garantia do sucesso.

Entende-se que a inclusão é um processo dialético e complexo, pois envolve a esfera das relações sociais inter e intrapessoais vividas na escola. No seu sentido mais profundo, vai além do ato de inserir, de trazer crianças para dentro do centro de educação. Significa envolver, compreender, participar e aprender.

Nesse sentido é válido refletir sobre as indagações feitas por Mittler:

O significado na prática cotidiana? Que diferença faz ao trabalho dos professores e, acima de tudo, como afeta os alunos? Será que podemos definir e descrever algumas das características centrais da inclusão a partir da perspectiva da sala de aula e do aluno? Embora muito já tenha sido escrito sobre esse assunto, é impossível fazer justiça a rica variedade de prática (MITTLER, 2003, p.161).

Tais questões demonstram que a prática escolar inclusiva provoca necessariamente a cooperação entre todos. A prática inclusiva traz como elemento entra a dinamicidade das atividades. É no cotidiano que as relações inclusivas se efetivam e as propostas integradoras se consolidam, o que demanda envolvimento e comprometimento de todos os envolvidos com o fazer pedagógico.

Desta forma, alterações e superações na escola serão necessárias é nela que a educação deverá ser oferecida de acordo com as necessidades de cada aluno. Significativa alterar definitivamente a concepção educacional, **uma vez que a escola passa a ser vista como a estrutura que deve se adequar às necessidades dos alunos e não o inverso**. Não basta que essas transformações ocorram exclusivamente no plano teórico, ela só será verdadeira se as relações entre todos os que fazem a escola seja modificada, fazendo com que a escola passe a ser vista de uma forma positiva desde o incentivo aos alunos, até o apoio pedagógico aos professores.

Nesse sentido Mantoan ressalta que,

A inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim ter o privilégio de conviver e compartilhar com as pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe a todas as pessoas, sem exceção, é para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para as minorias e para as crianças que é discriminada por qualquer motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, e interagir com o outro (MANTOAN, 2003, p. 24).

Dessa forma, percebe-se que inclusão não é mera questão de levar o aluno portador de necessidades à escola, ela vai, além disso, pois aceitar a diversidade é um dever de todos, ressaltando ainda, que o mesmo é uma oportunidade de crescimento humano. Nesse sentido a escola tem que ser o reflexo da vida do lado de fora. O grande sonho para todos, é viver a experiência da diferença. Afirma-se que a inclusão, tem um princípio dentro da escola, o qual é de fundamental relevância para que o seu exercício, fora da

escola também aconteça. Mesmo porque, a partir das vivências e experiências adquiridas na escola, o aluno estará apto a se inserir no mundo.

Nesse contexto Andrade (2000, p.40) expõe que;

Escola inclusiva é aquela que acomoda todos os alunos independentes de sua condição física, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras, sendo o principal desafio desenvolver uma pedagogia capaz de educar e incluir além dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, aquelas que apresentam dificuldades temporárias ou permanentes na escola, as que estejam repetindo anos escolares, as que vivem nas ruas, as que vivem em extrema pobreza, as que são vítimas de alunos, as que estão fora da escola seja por motivo de que ordem for.

Percebe-se assim que a inclusão implica na reformulação de políticas educacionais e de implementação de projetos educacionais. O maior desafio é o de estender a inclusão a um maior número de escolas, facilitando, incluir todos os indivíduos em uma sociedade na qual a diversidade está se tornando mais norma do que exceção.

Embora esteja multiplicando-se os movimentos para transformar o modelo educacional escolar, esse modelo ainda, é marcadamente caracterizado pela rigidez, pela padronização, massificação, pela transmissão, memorização de informações.

Sbramowicz (2005, p.8) enfatiza que,

Muitos são os desafios atribuídos no cumprimento da função formativa e de inclusão, tudo num processo democrático, reconhecendo e valorizando a diversidade, como um elemento enriquecedor do processo de ensino e aprendizagem. Portanto incluir é garantir uma educação de qualidade para todos os alunos, é questão de justiça e equidade social.

A educação inclusiva e a atenção à diversidade demandam uma maior competência profissional dos professores e projetos educativos mais amplos e diversificados que possam adaptar-se às distintas necessidades de todos os alunos. Implica uma maior flexibilidade e diversificação da oferta educativa que assegure a todos os alunos a obtenção das competências básicas, estabelecidas no currículo escolar, por meio de materiais e estratégias de ensino. Implica também o desenvolvimento de um currículo que seja significativo para todos os meninos e meninas e não somente para aqueles que pertencem às classes culturais dominantes. Trata-se, em definitivo, de avançar para uma educação para todos, com todos e para cada um.

Conforme Valente (1999, p.162):

O professor e os alunos devem ter autonomia e responsabilidade para decidir o como e o que deve ser tratado nas aulas. O aluno deve ser crítico, saber utilizar a constante reflexão e depuração para atingir níveis cada vez mais sofisticados de ações e ideias, e ser capaz de trabalhar em equipe e desenvolver, ao longo da sua formação, uma rede de pessoas e especialistas que o auxiliem no tratamento dos problemas complexos. O conteúdo não pode ser mais fragmentado ou descontextualizado da realidade ou do problema que está sendo vivenciado ou resolvido pelo o aluno.

A educação inclusiva promove o desenvolvimento de valores como justiça, solidariedade e igualdade e faz possível o aprender e o aprender a ser. A escola inclusiva promove o desenvolvimento de uma cultura de paz e de sociedade mais justa e democrática.

Sendo assim a educação na diversidade é um meio essencial para desenvolver a compreensão mútua, o pluralismo, a convivência e a democracia. Por isso é necessário uma conscientização para a relevância da inclusão, para a socialização dos indivíduos, oferecendo-os a possibilidade de aprender e vivenciar valores, direitos e deveres. Nossa pesquisa visa, no entanto, verificar se a música é utilizada pelos professores como um instrumento de inclusão, ou seja, se a música é um fomentador de uma prática inclusiva. Para tanto, iremos no próximo capítulo, entender como a inclusão e a música são tratadas no RCNEI (BRASIL, 1998), a fim de construirmos um referencial teórico mais amplo que nos habilite a analisar as práticas pedagógicas de três professores da escola **MMJNA**.

CAPÍTULO 2. A música como instrumento lúdico de inclusão

Frente às modificações da educação por ocasião da promulgação da LDB/1996, como também das constantes mudanças que vem ocorrendo na sociedade, à prática pedagógica docente já não funciona apenas com o giz e o quadro negro. A educação escolar necessita de mudanças e novas estratégias de ensino que atenda as necessidades das crianças que vivenciam a infância como a fase do brincar. Nessa etapa, a criança se expressa, assimila conhecimentos e constrói a sua realidade através da ludicidade. Ela também compreende a realidade de acordo com seus gostos e interesses.

Na escola de ensino infantil o professor exerce papel vital para o desenvolvimento cognitivo, emocional e físico das crianças. É ele quem cria os espaços, promove a inclusão e aceitação de todos no grupo, prepara o ambiente, disponibiliza os materiais e participa das atividades e brincadeiras, agindo como um mediador no processo de ensino-aprendizagem. Porém, como advertem Silva e Navarro (2012), sobre o risco de idealização desse professor e a necessidade de se analisar, igualmente, o processo de sua formação para que possamos ter uma percepção mais realista acerca das realizações, superações e limites de suas práticas pedagógicas cotidianas.

O papel do professor muitas vezes sofre um processo de mitificação e naturalização, ou seja, não é visto enquanto resultado de um feixe de fatores que incidem sobre a vida de um indivíduo como suas relações pessoais, suas condições de vida e trabalho. Assim, Silva e Navarro (2012) reafirmam a condição humana do professor, que carrega consigo representações sociais sobre seus alunos, sobre o sistema de ensino nacional, sobre seu papel social. Esses fatores são ainda complexificados no ambiente de trabalho, uma vez que esse profissional estabelece relações com diferentes agentes sociais, alunos, direção, colegas de trabalho, funcionários da escola, pais.

Portanto, o professor é apontado por Silva e Navarro (2012), como um profissional mergulhado em relações sociais, dentro as quais a mais relevante, no ambiente educacional, são as relações que cria com seus alunos. Especialmente no ensino infantil, o professor serve de exemplo para as crianças e exerce um papel mediador entre a escola o aluno e sua família. Dai a centralidade de suas ações no direcionamento das atividades pedagógicas do ensino infantil. As autoras colocam em destaque, ainda o fato de que na escola, o conhecimento é um processo, ou seja, constrói-se de forma interativa, a partir de uma troca entre professor e aluno.

Compreender a prática pedagógica como uma prática interacionista é fundamental quando se pensa a educação inclusiva, conforme vimos anteriormente. Mas ganha ainda um relevo de maior destaque no momento em que se enfoca a realização de atividades musicais como meio de promover essa inclusão. Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 45) a música na educação infantil atende a diversos propósitos, uma vez que está presente em diversos momentos da vida humana. Todos escutam rádio, escolhem suas músicas prediletas, os pais cantam para seus filhos músicas de sua infância ou aquelas que mais lhe agradam, muitas das brincadeiras infantis são embaladas por canções ou modinhas. Ou seja, a vida humana é embalada musicalmente.

Apesar dessa presença inquestionável, pouco tem sido pesquisado sobre o uso da música no ensino infantil. Diniz e Ben (2006) consideram que o número ainda reduzido de trabalhos acerca da temática se deve ao próprio processo de formação dos professores. Os cursos de pedagogia centram suas atividades em outras áreas, desfavorecendo um debate mais aprofundado sobre o tema. Da mesma forma, a música é tratada nos RCNEI (BRASIL, 1998) como uma expressão da linguagem, o que não permite seu tratamento enquanto expressão artística de forma mais acentuada.

Essas limitações geram várias consequências para o uso da música no ensino infantil. As autoras destacam que a música acaba sendo um instrumento secundarizado no ensino infantil, usado como mecanismo de controle comportamental, na medida em que demarcam os diferentes momentos da rotina nas creches, ou como mecanismo facilitador de transmissão de conteúdos de outras disciplinas. Essas abordagens, embora tenham sua importância e significado, diminuem a importância da música como momento de criação estética e artística (DINIZ e BEN, 2006).

Outro fator destacado pelas autoras diz respeito à diversidade musical existente no Brasil. Embora seja um elemento que enriqueça nossa cultura, essa variedade musical foi pouco trabalhada no RCNEI (BRASIL, 1998), o que acabou provocando a apresentação limitada de atividades musicais a serem desenvolvidas pelos professores. Para Diniz e Ben (2006), esse fato é agravado pelo próprio despreparo musical que os professores possuem o que acaba limitando as práticas pedagógicas que utilizam meramente o canto. A falta de recursos das escolas, que dificulta a compra de instrumento musical são outros fatores que dificultam o desenvolvimento da educação musical no ensino infantil.

Apesar das dificuldades detectadas, as pesquisadoras constataram em pesquisa de campo que os professores de Porto Alegre, RS, atribuíam grande importância ao uso da

música em suas práticas pedagógicas, embora não tenham apontem a falta de preparação musical e a falta de recursos técnicos nas escolas como principais limitadores para o aprimoramento de atividades que tenham a música como fundamento, nas aulas que planejam (DINIZ e BEN, 2006).

No RCNEI, (BRASIL, 1998) a música é trabalhada como uma linguagem, especialmente em razão das funções comunicativas que possui. O canto a melodia e mesmo a dança são expressões linguísticas que exprimem sentimentos e emoções vividos individual ou coletivamente. E esse teor de comunicabilidade está intimamente atrelado a um sentido de interatividade. Os indivíduos comunicam-se entre si, a própria produção cultural só tem sentido se realiza uma função de troca social. É nessa perspectiva que pretendemos abordar o conteúdo musical em nosso trabalho.

Vejamos então o que fala o RCNEI sobre o uso da música no ensino infantil,

[...] trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social. (BRASIL, 1998, p.47).

Podemos perceber nesse trecho a relação que o RCNEI (BRASIL, 1998) cria entre a música a expressão corporal, o autoconhecimento e a interatividade. A música apresenta-se, portanto, como atividade potencializadora de diferentes habilidades da criança, que se desenvolve plenamente apenas se partilhadas. Queremos, no entanto, destacar a importância da interatividade citada no RCNEI, uma vez que são a partir do convívio social que são forjados os laços indeníveis entre as pessoas. O contato com as pessoas próximas, as brincadeiras, e especialmente o modo de falar que fazem com que as crianças estabeleçam um vínculo cultural com a comunidade da qual faz parte.

O RCNEI é constituído por três volumes, sendo o terceiro é dedicado ao trabalho com as expressões das crianças em seu contato com o mundo, o movimento, as expressões artísticas e a comunicação são os temas abordados. O fato de destinar um volume inteiro aos meios de comunicação e interação da criança com o mundo demonstra a importância do desenvolvimento das habilidades comunicativas, atribuído pelos idealizadores do RCNEI ao tema (BRASIL, 1998). Essa centralidade temática é também percebida pela proximidade com

que a música, as artes e o domínio da língua são tratados nos referenciais.

Para Sasso (2007) a ênfase do eixo referente ao desenvolvimento linguístico explica-se pela sua importância para a relação do homem com seu meio social. É a capacidade de comunicar seus desejos e necessidades que garante a sobrevivência humana. Porém, apoiando-se nos estudos de teóricos da linguagem como Vygotsky, Sasso (2007) aponta para a capacidade de abstração que o homem adquire à medida que se apropria da capacidade de representar simbolicamente o mundo que o rodeia.

Na pré-escola, a criança busca ampliar o repertório de palavras que lhe permitam criar nexos entre o mundo que a cerca e seu universo interior. A conquista da linguagem é fundamental para que a criança consiga compreender a si própria, uma vez que sua identificação enquanto individualidade é uma construção social. Para Sasso (2007), apenas com o domínio da capacidade de exprimir oralmente seus desejos a criança encontra-se apta a conquistar a habilidade de representar simbolicamente, em forma de letras, seus pensamentos. Isso não significa, no entanto, que a criança só tardiamente pode começar a escrever. Mas sim que o primeiro estágio de domínio da comunicação é oral, e apenas depois de certa proficiência oral, torna-se capaz de escrever.

A musicalização nessa fase oral pode ser um excelente mecanismo para potencializar essa habilidade comunicativa. Ao cantar, dançar, ou mesmo apenas ouvindo as músicas, a criança estará aprimorando seu vocabulário e sua capacidade de interpretar o mundo e a si própria. No ambiente escolar, o fato dessas atividades serem desenvolvidas em parceria com outras crianças, acrescenta o elemento da ludicidade e da brincadeira coletiva, reforçando os laços de afetividade entre as crianças e, concomitantemente, o domínio da língua.

A musicalidade ganha, nesse sentido, toda a sua dimensão inclusiva. Inclui a criança socialmente pela interatividade com as tarefas planejadas pelos professores, pela ludicidade das atividades realizadas com os amigos de turma e ainda pelo domínio do principal mecanismo de socialização – a língua. Nesse sentido o RCNEI (BRASIL, 1998) indica o caráter social da comunicação. É a partir da experiência social que a criança adquire e amplia sua consciência sociocultural.

Ou seja, a construção do conhecimento é um processo que acontece de maneira integral e global alicerçada nas inter-relações que as crianças mantêm com seu meio. Essa construção do saber deve estar alicerçada em atividades planejadas, proporcionando condições para uma aprendizagem rica, ampla e prazerosa. O estabelecimento de metas a serem alcançadas no que tange o ensino da linguagem, é para Sasso (2007), de fundamental

importância. A autora observa que essa orientação também aparece no RCNEI, quando esse documento indica as atividades que promovem nas crianças o hábito de ler, observar textos escritos e escutar histórias contadas pelos professores.

Essas atividades visam desenvolver a capacidade dos alunos em desenvolver habilidades de conversas, de ouvir e depois reproduzir histórias, de identificar personagens e contextos das histórias a partir de fotografias e desenhos. Nesse processo de amadurecimento cognitivo das crianças o uso das músicas propicia a ocorrência de experiências criativas diversificadas, em razão de que a música estar vinculada ao brincar, tantos os inventados pelas crianças em cada geração, quanto os mais tradicionais (SASSO, 2007).

Sem dúvida é o caráter de propiciar atividades de interação que marca o uso da música no ensino infantil. Essa particularidade é destacada no RCNEI (BRASIL, 1998) que aponta a musicalização como um meio intuitivo das crianças entrarem em contato com as várias formas de linguagem, além de servir de suporte na aprendizagem de hábitos, atitudes e comportamentos.

Além disso, o RCNEI (BRASIL, 1998) tem ainda como pressuposto ao indicar a realização de atividades com o uso de músicas e sons a possibilidade dos professores em despertarem seus alunos para sensações e formas de expressão que aflorem sentimentos muito particulares de cada indivíduo. Essa motivação serve como meio de ampliar os meios de expressão das crianças sobre sua individualidade e ainda fornece novos caminhos de interação com o mundo ao seu redor.

Por fim, e nem por isso menos importante, vale destacar que a musicalidade também oportuniza o trabalho da expressão corporal e do autoconhecimento. Nanni (2005) trabalhando sobre a importância do ensino da dança, ressalta que a linguagem corporal transforma pensamentos e emoções em movimentos simbólicos, reconhecíveis socialmente e, portanto, constitutivos de um conteúdo comunicativo. Assim, ao trabalhar os movimentos, a dança também trabalha a interpretação de si e do mundo, criando um diálogo complexo do indivíduo consigo e com o meio que o cerca.

O uso da música nas creches e pré-escolas também exerce essa função, pois o cantar está intimamente relacionado ao dançar, ao se mexer. Na dinâmica de mover-se em função de um ritmo, expressando as emoções e os movimentos falados e expressos nos sons musicais, levam a criança a uma percepção de sua exterioridade, das possibilidades de sua existência concreta que ocupa e se desloca no espaço (NANNI, 2005).

Porém, algumas práticas educativas tentam reprimir o movimento tentando garantir

um ambiente harmônico e ordenado, pois para alguns educadores para que a criança aprenda é necessária a realização de atividades sistemáticas, de desenho, escrita e leitura, nas quais a criança é limitada a qualquer deslocamento, gesto ou mudança de posição, do contrário isso pode ser visto como desordem ou indisciplina. O movimento da criança passa a ser vinculado pelas repressões do professor.

RCNEI, afirma:

Ao movimentar-se as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (BRASIL, 1998, p.15).

Com relação a esse contexto o movimento pode ser entendido como um fator que dispersa a criança impedindo-a de se concentrar e manter atenção atrapalhando desta forma aprendizagem desejada. O movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. A dimensão corporal integra-se ao conjunto da atividade da criança. O ato motor faz-se presente em suas funções expressivas, instrumental ou de sustentação as posturas e os gestos.

As práticas culturais predominantes e as possibilidades de exploração oferecidas pelo meio no qual a criança vive permitem que ela desenvolva capacidades e construa repertórios próprios. Desta forma as brincadeiras que compõem o repertório infantil variam conforme a cultura regional apresentando-se como oportunidades privilegiadas para desenvolver habilidades no plano motor, como empinar pipas, jogar bolinhas, atirar estilingue, pular amarelinha dentre outras brincadeiras.

Portanto o professor deve ter como objetivo alicerçar o movimento as suas praticas promovendo-o através da música, da dança e das brincadeiras, assim estará possibilitando a criança movimentar-se de forma espontânea contemplando a multiplicidade e as manifestações da motricidade, pois compreender o caráter lúdico e expressivo das manifestações do ato motor infantil ajudará o professor a organizar melhor a sua prática, levando em conta as necessidades das crianças.

CAPITULO 3. AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O USO DA MÚSICA COMO RECURSO DE INCLUSÃO NA ESCOLA.

3.1 Percurso da pesquisa

Adotou-se a pesquisa de campo, exploratória qualitativa, de análise descritiva pelo fato desta permitir a obtenção de dados, visto que ao pesquisar in locos favoreceu conhecer e refletir os paradigmas existentes no espaço escolar o qual concretizamos a pesquisa.

Na concepção de GIL (2007) a pesquisa de campo é um recurso importante para o confronto entre teoria e prática, fato que favorece ao pesquisador uma compreensão sobre a dinâmica real acerca das práticas pedagógicas. A pesquisa assume, dessa forma, não só o sentido de análise da realidade educacional, mas também passa a ter um conteúdo de aprendizagem e reconhecimento do cotidiano escolar.

A educação é uma realidade construída historicamente, ou seja, transforma-se acompanhando as mudanças ocorridas na própria estrutura da sociedade. Portanto, a pesquisa em Educação, mesmo que utilizando a análise de dados estatísticos assume um caráter primordialmente qualitativo. Cada escola possui a sua cultura, definida pelas diferentes formas de sua organização interna e das relações que se estabelecem entre seus agentes. A sensibilidade em perceber essas nuances e estabelecer nexos entre tais particularidades e a dinâmica social, definem o sentido das pesquisas qualitativas, que nas palavras de Chizzotti sintetizam

[...] uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1995, p.79).

O estudo de campo inicia-se pela fase exploratória, que consiste em uma caracterização da situação a cerca do lúcido como forma de desenvolvimento da criança.

Propusemos a abordagem da pesquisa de campo exploratória, com o proposito de verificar o objeto de estudo no contexto da realidade escolar infantil, com o intuito de colher informações fundamental, para realmente conhecer e a partir daí refletir e analisar as ações existentes na prática do docente e aceitação da instituição de ensino ao todo, com relação à

temática da inclusão assim como a utilização da música como instrumento para que a mesma aconteça.

Afirma-se Ludke que, “a fase exploratória é o momento de especificar as questões ou pontos críticos, de estabelecer os contatos iniciais para entrada em campo, de localizar os informantes e as fontes de dados necessárias para o estudo” (LUDKE, 1986, p.22). Por tanto, o estudo de campo, se desenvolveu por meio da observação direcionada as atividades do grupo estudado e aplicação de questionário, como um subsídio para a obtenção de informações, tendo como meta captar explicações e interpretações quanto à temática pesquisada.

A fundamentação deste estudo origina-se da utilização da pesquisa bibliográfica, através de consulta a livros, artigos, revistas e internet que forneceram subsídios para a obtenção do conhecimento da temática estudada.

Ressalta-se que os estudos que antecederam para a escolha para esse tipo de pesquisa, objetivou um melhor conhecimento da realidade da prática inclusiva, delimitando-se a utilização da música para que isso aconteça de forma satisfatória na Educação Infantil. Portanto, através do estudo bibliográfico pode-se obter a teoria indispensável para irmos confrontá-la junto à prática, no percurso da pesquisa de campo, a qual de caráter exploratório, onde possibilitou uma visão e revisão do contexto no âmbito escolar. Compreendendo assim que o estudo de campo não é um ato isolado, intermitente, especial, porém, uma atitude processual de investigação diante do desconhecido, ou até mesmo uma forma de obter um melhor entendimento quanto a determinado assunto, o que de fato aconteceu.

3.1.1 Delineamento da pesquisa

O estudo de campo foi dividido em dois momentos. O primeiro foi à elaboração Projeto de Pesquisa, com aprofundamento da temática, problemática, objetivos, justificativa, abordagem metodológica e referencial teóricos para enriquecer nosso trabalho.

No segundo momento, utilizamos a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas, com objetivo de obter dados sobre as práticas docentes, seus desafios, dificuldades, anseios, acerca da temática pesquisada.

A coleta dos dados por meio da pesquisa pode fornecer uma melhor compreensão do exercício da docência e a relevância atribuída pelos professores às atividades que utilizam a música como recurso pedagógico, buscando perceber se esse recurso adquire uma função

inclusiva e integradora em seu planejamento e execução.

3.1.2 Lócus

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola que aqui denominaremos com as siglas EMMJNA. Essa instituição funciona nos horários manhã e tarde com cerca de 320 alunos distribuídos nos dois turnos. Atende tanto ao Ensino Infantil quanto ao Ensino Fundamental I. O quadro de funcionários é por 30 profissionais: 13 professores, sendo que 03 atuam na Educação Infantil, 01 Diretora, 01 vice-diretora, 01 Supervisora, 01 Orientadora, 01 Psicopedagoga, 01 Assistente social, 04 monitores, 04 cozinheiras, 03 auxiliares de serviço.

Sua estrutura física passou por uma pequena reforma, ou até mesmo uma manutenção, mediante o prédio ter uma estrutura velha, a qual é distribuída da seguinte forma, 07 salas de aula, 01 sala dos professores, 01 secretaria e 01 direção. Possui 06 banheiros, sendo 03 femininos e 03 masculinos, 01 pátio pequeno, 01 cozinha, não possui biblioteca.

3.1.3 Amostra da pesquisa

Tendo em vista que apenas três professores dessa instituição de ensino atuam no Ensino Infantil, decidimos realizar a aplicação do questionário com esses profissionais, a fim de analisarmos aspectos de suas práticas pedagógicas.

3.1.4 Instrumento de coleta de dados

A fim de obtermos informações sobre as práticas pedagógicas dos professores atuantes no ensino infantil a instituição, aplicamos um questionário semiestruturado, composto por questões objetivas destinadas à caracterização do perfil profissional dos professores da escola, e questões abertas, que visando o aprofundamento do debate sobre o tema central dessa pesquisa. A aplicação do questionário consistiu da seguinte forma, num determinado momento por meio de uma roda de conversa foi exposto para as docentes o trabalho proposto e seu objetivo, em seguida, foram entregue o questionário para que as mesmas pudessem responder a vontade em casa ou até mesmo em seus momentos vagos na escola. Diante do dialogo no ato do recolhimento do questionário, as professoras foram indagadas sobre o procedimento do seu desempenho ao desenvolver o questionário, as mesma colocaram que foi bastante relevante e tranquilo, possibilitando as mesmas a oportunidade de rever a sua prática em sala de aula.

A partir dos dados obtidos com a aplicação desse questionário pudemos elaborar as considerações abaixo expostas sobre o uso da música como recursos de inclusão no ambiente escolar.

3.2 Música e inclusão sob o olhar dos educadores.

A formação do professor apresenta-se como tarefa fundamental para a percepção de sua atuação Profissional. Nos últimos anos, o Brasil tem expandido a disponibilidade de vagas nas Universidades, o que vem impactando positivamente na formação de profissionais nas diversas áreas. Menezes Filho (2012) fazendo levantamento sobre o nível de qualificação da mão-de-obra brasileira existente na atualidade constatou um crescimento na oferta de vagas nas universidades do país em diferentes áreas do conhecimento científico. Considerando os alunos matriculados em cursos de graduação, com idades que variavam entre 18 e 24 anos, o pesquisador verificou um aumento de 6% percentuais no intervalo de dez anos, ou seja, um número maior de jovens tem dado continuidade aos seus estudos, ingressando nos cursos superiores logo depois de concluírem o ensino médio.

Outro dado relevante trazido por Menezes Filho (2012), diz respeito aos índices de crescimento de alunos matriculados nos cursos de Pedagogia, que se elevaram em mais de 10% em dez anos, demonstrando que os Educadores têm buscado uma melhoria na sua formação acadêmica, fato que acarreta uma melhoria significativa nos serviços prestados no interior das escolas. Os cursos de graduação, apesar das muitas carências que ainda possuem, segundo Pedrozo e Lima (2005) têm ajudado a qualificar os pedagogos na atuação em diferentes campos da pesquisa e do ensino no país. Para os autores, o amplo leque de possibilidades de atuação dos pedagogos ao mesmo tempo em que representam a possibilidade de construção de uma visão global sobre o sistema de ensino nacional, também traz como consequência uma superficialidade no tratamento de diversos temas específicos, especialmente naqueles relacionados à prática docente.

No caso do nosso objeto de estudos, o Ensino na Educação Infantil, percebemos que as demandas do cuidar e ensinar para os jovens estudantes exige dos professores o desenvolvimento de uma gama diversificada de habilidades. Os professores precisam estar prontos para motivar os primeiros passos da vida escolar das crianças que está apenas em seus primórdios, e por isso requer que um ambiente acolhedor favorecer o desenvolvimento das muitas potencialidades das crianças.

Barreto destaca diante desse pressuposto que:

[...] se a formação do professor da educação básica como um todo deixa muito a desejar, no caso da educação infantil que abrange o atendimento às crianças de zero a seis anos em creches e pré-escolas, exigindo que o profissional cumpra suas funções de cuidar e educar, o desafio da qualidade se apresenta com uma dimensão maior, pois é sabido que os mecanismos atuais de formação não contemplam esta dupla função (BARRETO, 1994, p.128).

Os profissionais que atuam na Educação Infantil precisam ter o conhecimento que tudo que é necessário para que venha de encontro à necessidade de favorecer uma aprendizagem significativa aos alunos. O conhecimento do docente determina a forma ele se envolve com o trabalho pedagógico, as transformações que afetam a sua profissão e de forma mais específica à sua carreira pessoal. Portanto, a cada ano de atuação profissional, o docente se torna um profissional mais capaz de promover os reais objetivos da educação.

No caso da escola **MMJNA**, são três professoras que atuam nas turmas do ensino infantil. Há uma predominância de mulheres no ensino infantil, o que reforça a percepção de que o cuidar de crianças muito jovens é um trabalho mais afeito ao sexo feminino. As mulheres, em geral, são consideradas como pessoas mais pacientes e mais preparadas, pelo instinto natural da maternidade, a cuidarem de crianças.

As três professoras responderam ao questionário de coleta de dados dessa pesquisa, o que nos possibilitou traçar um perfil do corpo docente da escola. Referente a esse nível de ensino. As três professoras possuem formação acadêmica de nível superior, e uma experiência profissional que varia entre seis e dez anos. Ou seja, são profissionais, que além de terem buscado o aprimoramento de seus conhecimentos profissionais, cursando uma graduação, trazem para o debate uma vivência profissional já consolidada. Em razão desse perfil profissional das professoras, buscamos perguntar acerca de suas práticas pedagógicas, a fim de percebermos como elas trabalham a inclusão em sua prática pedagógica e se elas se apropriam de recursos como a música para incentivarem a interação entre as crianças.

A fim de percebermos se as práticas pedagógicas das professoras da escola MMJNA apontam para uma educação inclusiva, consideramos fundamental iniciar nosso questionário questionando acerca da concepção de educação que guiam essas professoras. Obtivemos as seguintes respostas:

É o meio social mais influente na vida de todas as pessoas. Prof 1
A educação é o meio pelo qual o individuo tem acesso ao futuro de sucesso.

Prof 2

É o que dá ao ser humano a oportunidade de ser o autor da sua própria história. **Prof 3**

As respostas das professoras demonstram a predominância de concepção tradicionalista da educação, uma vez que atribuem à escolarização a possibilidade de realização pessoal, além de minimizarem a importância da cultura popular e das raízes sociais dos alunos como elementos de construção da identidade individual.

Essa concepção educacional está muito afinada a um pensamento neoliberal capitalista, que segundo GerSzon (2007), volta-se para a construção de uma concepção de educação que privilegia o talento individual como fator de conquista de estabilidade socioeconômica. Faz parte também do pensamento neoliberal a percepção de que o domínio de uma cultura escolarizada o acesso a direitos de cidadania, tais como o acesso a estabilidade econômica, a realização profissional e à construção de uma atitude protagonista de construção das histórias de vida individuais (GERSZON, 2007).

Tomando por base uma concepção interacionista da educação, o ato de ensinar, de inserir, de instruir e também aprender, é o meio social pelo qual todos os indivíduos têm direito e também que dá aos mesmos a oportunidade de conquistar seu espaço junto à sociedade. Com um conteúdo semelhante, a Constituição Federal (1998, p.121) no seu artigo 205 afirma que,

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Compreende-se em sentido mais amplo, que a concepção de educação, significa o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte. A educação vai se formando através de situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo ao longo da sua vida.

Também quisemos indagar às professoras como as atividades interacionistas contribuem para o fortalecimento de uma educação inclusiva. A essa questão as professoras responderam:

Algo real e possível embora desafiante, mas, prazeroso e crescimento pessoal. **Prof 1**

É uma oportunidade de crescimento a todos. **Prof 2**

Um imenso desafio, embora possível. A educação a cada dia ganha mais espaço, sendo assim a inclusão faz parte desse grande e válido avanço. **Prof 3**

Diante do exposto pelas docentes acreditam na transformação por meio social através da inclusão. Porém como as respostas tiveram um caráter muito vago, não pudemos perceber qual o sentido de inclusão as professoras atribuem à educação, se essa inclusão relaciona-se à construção de uma cultura de respeito às diferenças, ou se, ao responderem a essa questão, estavam referindo-se apenas a realização de atividades cotidianas de forma coletiva.

Conforme Mantoan (2007, p.48) “A inclusão não implica no desenvolvimento de um ensino individualizado para os alunos que apresentam deficits intelectuais, problemas de aprendizagem e outras relacionados ao desempenho escolar”, antes é uma atitude que respeita os limites de cada um, proporcionando a todos a participação e a plena expressão de suas potencialidades. A inclusão favorece a educação no todo, uma proposta de mudança, de novos conceitos e ações, e principalmente numa perspectiva de respeito aos próximos.

A seguir, perguntamos às professoras como a inclusão pode ser realizada com o uso da música como recurso pedagógico, obtendo como respostas:

É sim, a música é algo fascinante. Prof 1

Com certeza, pois através da música podemos entrar em contato direto com o outro. Prof 2

Toda metodologia é necessária e valida quando se fala em inclusão e a música é um ato que nos promove um amplo conhecimento. Prof 3

Aqui podemos perceber diferentes maneiras de compreender a música como recurso pedagógico. Enquanto para a Prof 1 o sentido da música vincula-se mais fortemente a um sentimento ou estado de espírito, a emoções despertadas pela musicalidade. Para a Prof 2 a música promove o contato entre as pessoas. Por sua vez, a Prof 3 buscou responder de forma mais objetiva à questão, apontando a música como mais um recurso pedagógico de promoção da inclusão, ação que também pode ser obtida com a prática de outras atividades.

Conforme Gotti et al (2004, p.329) “Tornar realidade a educação inclusiva, por sua vez, não se efetivará por decreto, sem que se avaliem as reais condições que possibilitem a inclusão planejada, gradativa e contínua de alunos com necessidades educacionais especiais nos sistemas de ensino[...]”. Ao inserir atividades musicais no cotidiano escolar, os professores propiciam alternativas de expressão e convivência dos alunos, criando elos de identitários significativos, por mobilizarem emoções, prazeres e partilha.

O desafio de incluir implica na tentativa de ensinar a todos com igualdade, não excluindo nenhum aluno do ambiente escolar da sala de aula, a música é uma metodologia

que ao ser planejada adequadamente é indispensável, pois a mesma favorece ao educando a oportunidade de desvendar, criar, recriar significados. Ao serem perguntadas se há possibilidades de a inclusão pode se tornar real em atividades desenvolvidas no ensino infantil, as professoras afirmaram que,

Pode sim, por ser uma oportunidade dada para que cresçam conhecendo as diversidades. Prof 1

Concordo plenamente, pois assim favorece desde cedo à criança a oportunidade de conviver com a diversidade. Prof 2

Pode sim, pois desde cedo à criança aprenderá a aceitar e incluir e se sentir incluída. Prof 3

Nesse sentido, fica claro que para as professoras a inclusão refere-se ao reconhecimento e respeito às diferenças. Especialmente na resposta da Prof 3 aponta para esse sentido inclusivo da educação ressaltando que todas as crianças precisam se sentir incluídas, ou seja, a professora percebe a escola como um espaço inclusivo. Essas respostas contradizem, no entanto, a concepção de educação inicialmente apresentadas pelas professoras, uma vez que a princípio foram expressas concepções de educação muito vinculadas à conquista de uma proficiência e um protagonismo a ser realizado em um futuro. Porém, o sentido de inclusão quebra a laica trazendo à reflexão das professoras o sentido de partilha e reconhecimento das diferenças.

Conforme Mantoan

A educação inclusiva preconiza um ensino em que aprender é um ato não linear, contínuo, fruto de uma rede de relações que vai sendo tecida pelos aprendizes, em ambientes escolares que não discriminam, não rotulam e oferecem chances incalculáveis de sucesso para todos, dentro das habilidades, interesses e possibilidades de cada aluno (MANTOAN, 2007, p.57).

Atividades que deixam em evidência as emoções individuais, como as músicas, oportunizam a superação de barreiras segregativas, criando um sentimento de empatia. É a partir da construção de um ambiente de liberdade, no qual as potencialidades de cada possam ser valorizadas naquilo que produzem, que pode-se lançar os alicerces da construção de um sentimento de cidadania,

Ao serem perguntadas sobre o seu papel na realização de atividades interativas com o uso de recursos musicais, as professoras colocaram-se como orientadoras e mediadoras nas atividades:

*Por meio de planejamento seleciono, conheço e pratico as músicas a ser utilizada, e também rolo, danço, balanço, caio junto aos alunos. **Prof 1***

*Enquanto educadora, entro no ritmo da música trazendo a todos para o meio. **Prof 2***

*A participação, o conhecimento prévio da música e seus movimentos, assim como a interação com o educando. **Prof 3***

Enquanto a Prof 2 tem uma postura mais tradicional uma vez que se coloca como a pessoa que inicia e chama os alunos para a realização das atividades pedagógicas, as Prof 1 e 3 colocam-se como parceiras do alunos na realização das atividades. A Prof 3, ainda destaca que verifica o conhecimento prévio dos alunos sobre a música, o que revela alguma preocupação com a relação que o aluno tem com o som que lhe é apresentado, além disso, essa professora acrescenta a preocupação em ressaltar a música como meio de desenvolver algumas habilidades cruciais para o desenvolvimento infantil, como atividades relacionadas à mobilidade.

O professor deve ter como objetivo alicerçar o movimento as suas práticas promovendo-o através da música, da dança e das brincadeiras. Assim estará possibilitando a criança movimentar-se de forma espontânea, além de promoverem a inclusão em razão de permitir que as crianças se expressem da forma como for mais adequado para elas.

Segundo Alarcão (2003, p. 25) “A formação e/ou a preparação do profissional da educação nesse contexto deve ser, portanto, repensada com base nas novas realidades e exigências da contemporaneidade.” A educação não é uma imposição, antes deve estar baseada em um laço de confiança e respeito, assim, para que sejam eficazes as atividades desenvolvidas pelo professor deve levar em consideração não só as potencialidades dos alunos, mas também a qualidade de interrelações que se estabelecerão entre os participantes das atividades.

Para as professoras, a escola. Oferece os recursos necessários para o desenvolvimento de atividades inclusivas e especialmente de atividades utilizando recursos musicais. Apesar de todas as professoras serem unânimes sobre esses aspectos, as respostas delas deixa vago quais são os recursos que elas próprias consideram essenciais para a efetivação dessas atividades. Assim, afirmaram:

*Oferece sim, tem-se o total apoio material para a utilização da música em sala de aula. **Prof 1***

*Favorece sim, temos todo material preciso para utilizar a música como meio de interação e inclusão. **Prof 2***

*Oferece com certeza, temos plenas condições de trabalhar. **Prof 3***

A generalidade das respostas não deixa explícito o local onde as atividades são desenvolvidas e quais os recursos musicais estão disponíveis na escola, a Prof.2, nessa resposta ressalta que os recursos para a realização de atividades inclusivas existem, mas em sua afirmação a professora não lança um olhar específico para o uso de recursos musicais objeto de nosso trabalho.

Como última pergunta dessa pesquisa, quisemos saber se as professoras se sentem preparadas para uma educação inclusivas. Segundo suas respostas:

Me sinto aberta a aprender, pois a educação é uma ação de retorno, onde ao ensinar também aprende. Prof 1

Somos seres inacabados, a cada dia aprendemos mais, eu realmente não me sinto preparada, mas, sinto –me aberta a implantar o novo na minha prática educativa. Prof 2

Sinto sim, mediante as diversas capacitações que conquistei. Prof 3

A formação do professor deve ser compromisso do sistema de educacional comprometido com a qualidade do ensino. Nessa perspectiva, deve assegurar a elaboração e implantação propostas e práticas que respondam às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades especiais.

A educação inclusiva exige dos professores uma postura flexível e a busca permanente por novos conhecimentos. Mantoan (2006 p. 23) enfatiza que “a formação dos professores toma novos rumos quando se trata de uma preparação profissional para se inserir toda uma turma em uma sala de aula comum, visando a aprendizagem de todos”.

Salientando assim, que a formação deve ser de uma relevante estrutura a fim de incluir a todos, e não segregar, precisa-se de uma forma que prepare o professor para trabalhar a turma toda, visto que a teoria favorece um conhecimento que ao ir de encontro com o real é um desafio para que se possa ser possível e efetivado.

Analisar o modo como as professoras descrevem sua prática pedagógica ajudam-nos não só a compreender não só a forma como refletem seu cotidiano, mas também as expectativas que lançam sobre os resultados de suas práticas. As falas das professoras também deixam evidente que embora o ensino esteja cada vez mais apontando para a construção de uma educação inclusiva ainda há muito o que realizar para que os paradigmas que relacionam a inclusão com o atendimento de crianças com deficiências, seja superado.

A escola deve ser um espaço de inclusão, não só por favorecer o desenvolvimento cognitivo, físico e motor de todas as crianças, mas, também por incluir diferentes formas de expressão, de traços culturais e identitário. A inclusão para ser efetivada deve ser radical no

sentido de democratizar todas as formas de sentir, expressar e viver, oportunizando a todas as crianças o sentimento de acolhimento e respeito.

Nas próximas linhas estaremos sintetizando as reflexões que construímos ao longo desse trabalho, que teve como principal objetivo desvelar um pouco mais a cultura escolar, através da análise de uma realidade específica no que se refere à concretização de uma educação inclusiva.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso objetivou fazer uma reflexão sobre a importância da música como um instrumento para a inclusão na educação infantil, partindo do questionamento a cerca da junção da inclusão através da musicalidade, sendo assim, foi realizado uma revisão bibliografia sobre o tema em questão com uma complementação de uma pesquisa de campo, onde pode-se fazer um paralelo de comparação da teoria com a prática. O estudo foi motivado pela a necessidade de compreender a inclusão por meio da música, ou seja, sua utilização desde a educação infantil, momento esse, em onde todos tem a mesma inocência e naturalidade.

Ao se apresentar as considerações finais do presente TCC, faz-se necessário mostrar a música como atividade inerente a criança, sendo livre e espontânea carregada de prazer e aprendizado, a qual pode promover a inclusão de crianças com necessidades especiais.

É de fundamental importância que a inclusão seja praticada nas instituições de Educação Infantil, já que possibilita o desenvolvimento da criança nos seus aspectos externos e internos.

Considerando o trabalho realizado, pode-se concluir que a inclusão é uma proposta de grande importância para a escola e principalmente para a sociedade. Partindo do pressuposto que a inclusão é um privilégio de conviver com a diferença e aprender com a mesma, mediante ao respeito mútuo. Portanto destaca-se ainda que a mesma esteja regulamentada em leis e orientadores. No entanto ressalta-se que a mesma, que os estorvos para sua efetivação tem sido amenizado e que apesar de caminhar em passos curtos, que ainda há escolas fechadas para esse desafio, com professores conservadores, assim como famílias de portadores de necessidades educativas especiais, nos tempos atuais, já existe uma nova versão no tocante a essa situação, pois a inclusão já é algo real, possível e que cabe a todos estarem abertos a aceitar e colocar em sua prática de ensino.

A educação inclusiva ganhou maior ênfase após ser regulamentada em leis, onde nas quais se expõe a como dever da sociedade ao todo o respeito à diversidade.

Portanto se conclui que a educação só será realmente inclusiva quando romper todas as barreiras que a em torno da educação, quando a sociedade verdadeiramente assumir seu real papel diante da igualdade, da diversidade. Assim viveremos num ambiente de oportunidades, na qual favorecerá nosso desenvolvimento enquanto seres humanos.

Torna-se notável que a música como atividade que incitam na criança a busca pela descoberta do novo, ao explorar suas potencialidades cognitivas, afetivas e sociais.

Assim como não se deve dissociar teoria e prática, não se dissocia a música da aprendizagem. É preciso considerar que as músicas devem ser usadas como estratégia de ensino e inclusão pelos professores e que estes façam destas práticas constantes e prazerosas.

Ao mesmo tempo a escola, a família e a comunidade como um todo devem propiciar o espaço para o conhecimento real da necessidade do outro, para que assim desde pequenos possam entender que embora tenhamos limitações, somos todos iguais.

Assim a escola deve buscar investir mais na formação sobre o tema em vitrine, esforçando-se por produzir práticas educativas pautadas na expectativa da música como ferramenta preponderante na vida das crianças.

Desse modo, ressalta-se a música com toda sua riqueza no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança, instiga tanto educadores, como pais a buscarem sempre a maneira lúdica de proporcionar prazer, aceitação, inclusão e aprendizado.

7. REFERENCIAS

ANDRADE, Raul Vaz. **Inclusão dos excluídos**. São Paulo. Letras Jurídicas, 2000.

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

BARRETO, Angela Maria Rabelo Ferreira. **A formação do profissional de educação infantil**. In: Anais do I SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, p. 124-128. Brasília: MEC, SEF, 1994.

BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia. **Pedagogia da música: experiências de apreciação musical**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

BEYER, H. O. A educação inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação. *Cadernos de Educação Especial*. Santa Maria, v. 2, n. 22, p. 33-44, 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da Republica Federativa**. Brasília,DF:Senado,1988.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil**: Formação Pessoal e Social. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil**: Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

DINIZ, Lélia Negrini; DEL BEN, Luciana. Música na Educação Infantil: um mapeamento das práticas e necessidades de professoras da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 15, p. 27-37, 2006.

GERZSON, Vera Serezer. **A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal - os discursos sobre educação nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ***. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 2007.

GOTTI, M. O. et al. **Direito à Educação: Subsídios para a Gestão de Sistemas Educacionais: Orientações Gerais e Marcos Legais**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

LUDKE, M; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LOUREIRO, Alicia Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papirus, 2013-(Coleção Papirus Educação).

MANTOAN, Teresa Engler. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos** / Maria Tereza Mantona, Rosângela Gavioli Prieto; Valéria Amorim Arantes, organizadora. —São Paulo: Summus, 2006. — (pontos e contrapontos)

_____. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENEZES-FILHO, N. A. **Apagão de mão de obra qualificada?: as profissões eo mercado de trabalho brasileiro entre 2000 e 2010**. São Paulo: Centro de Políticas Públicas do INSPER, 2012.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

NANNI, Dionísia. Ensino da dança. O ensino da dança na estruturação\ expansão da consciência corporal e da autoestima do educando. **Fitness Performance Journal**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 45-57.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Brinquedos e brincadeiras na comunidade**. Curitiba: 2005.

PEDROZO, Joslaine Domingues; LIMA, Michelle Fernandes. O PERFIL DO PEDAGOGO NO CONTEXTO DAS REFORMULAÇÕES CURRICULARES. Disponível em <http://www.fclar.unesp.br/Home/Departamentos/CienciasdaEducacao/RevistaEletronica/artigo_revista_30_de_marco_de_2011.pdf> Último acesso em 28/01/2015.

SANT'ANA, Izabella Mendes. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. **Psicologia em estudo**, v. 10, n. 2, p. 227-234, 2005.

SASSO, Elaine Cristina. **A linguagem oral e escrita na educação infantil**: contribuições da análise experimental do comportamento da releitura dos objetos. [Monografia]. UNESP, 2007.

SBRAMOWCZ, Anete. Valter Roberto Silvério (Orgs.). **Afirmando diferença: Montando o quebra cabeça da diversidade**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

SILVA, Ormenzina Garcia da; NAVARRO, Elaine Cristina. A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 2, n. 8, 2012.

VALENTE, José Armando (org.). **O Computador Na Sociedade do Conhecimento**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1999.

Apêndice

Termo de Anuência da Instituição/Autorização para a Pesquisa

Sra. Diretora

Com os nossos cumprimentos iniciais, vimos pelo presente, solicitar de Vossa Senhoria, a autorização para que a discente (seu nome) do Curso de Licenciatura em Pedagogia, ministrado pela Universidade Federal da Paraíba, possa desenvolver a pesquisa para projeto intitulado: **(título do seu trabalho)**

Para isso, será necessária a vossa colaboração, dando a permissão para que a acadêmica possa coletar dados nessa Instituição Educacional. Este trabalho será de importância fundamental para a realização da referida pesquisa e crescimento profissional da acadêmica.

Atenciosamente,

Alessandra Fernandes Nóbrega

Orientador

Universidade Federal da Paraíba

Seu nome completo
Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia
Universidade Federal da Paraíba

Iaporanga-PB, ____/____/2014

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome da Pesquisa: (título da sua pesquisa)

Pesquisadora responsável: (seu nome completo)

Orientador: Profa. Alessandra Fernandes Nóbrega

3.1.1.1. O objetivo da presente pesquisa é analisar as práticas pedagógicas em duas escolas na cidade de (nome da cidade), bem como mostrar as formas e usos do letramento no espaço da educação infantil. A pesquisa irá abordar o tema de sua pesquisa, realizará uma análise dos aspectos significativos acerca da importância do Objetivo geral de sua pesquisa, irá também discorrer sobre a importância da contação de histórias como ferramenta pedagógica, e explicitar os diversos recursos pedagógicos utilizados como forma de apoio ao trabalho

Para mensurar o trabalho realizado na educação de crianças em escolas que oferecem Educação infantil, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, com a coleta de dados através de questionário respondido por professores de duas escolas da cidade de cidade e estado, sendo esta escola pública.

Eu, (nome do professor), abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar da pesquisa, tendo:

1 - A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas da entrevista antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar-me em qualquer momento se assim o desejar, bem como está assegurado o absoluto sigilo das informações obtidas.

2 - A segurança plena de que não serei identificada mantendo o caráter oficial da informação, assim como, está assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo.

3 - A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como, esta pesquisa não causará nenhum tipo de risco, dano físico ou mesmo constrangimento moral e ético ao entrevistado.

4 - A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é dos pesquisadores, bem como, fica assegurado poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita.

5 - A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficará sob a guarda do pesquisador, podendo ser requisitado pelo entrevistado em qualquer momento.

Diante do exposto, solicitamos o consentimento de sua participação voluntária no referido estudo, por meio da assinatura abaixo.

Cidade, ____ de _____ de 2014.

Assinatura do participante

Contato com a pesquisadora responsável

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora: seu nome e endereço

E-mail: seu email

Telefone celular: (seu telefone)

Atenciosamente,

Assinatura da Pesquisadora Responsável

_____, ____/____/____

Local e data



ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL VII
 PROFESSOR: MARILENE SALGUEIRO
 PROFESSORA ORIENTADORA: ALESSANDRA FERNANDES NOBREGA
 APRENDENTE: SAMARA ALICE FERREIRA OLIVEIRA
 MATRÍCULA: 91113225 E-mail: samaraafely_ket@hotmail.com

Questionário

PARTE I: Característica do professor

4. Idade: _____
5. Sexo: _____
6. Formação Acadêmica: _____
7. Pós-Graduação (Qual?): _____
8. Situação funcional: _____
9. Tempo de serviço: _____
10. Tempo de serviço na escola: _____
11. Trabalha em outro local?
☐ Sim ☐ Não

Qual? _____

Parte II. Questões sobre a pesquisa

1. Qual sua concepção de educação?

-
2. Sendo a Educação Infantil o principio de toda uma carreira estudantil, na sua concepção a inclusão pode tornar-se real nessa modalidade de ensino?

3. Você se sente preparada para contribuir com a inclusão?

4. Na sua opinião a inclusão é possível mediante a utilização da música?

5. Qual é o seu papel durante a utilização da música? Que intervenções são feitas para que todos se interajam?

-
-
6. A escola oferece condições materiais e pedagógicos para trabalhar com a inclusão na Educação Infantil por meio da música?
